AVICULTURA

A produção de pintos de corte aumentou 50% no primeiro bimestre. O congelamento do preço da carne avícola se deu em nível mais elevado do que o da carne bovina.

A produção avícola cresceu 9%, em 1985, alcançando 1,6 milhão de t. As exportações de carne de frango, por sua vez, retraíram-se 5% e não ultrapassaram 273 mil t. Pode-se concluir, portanto, que o mercado interno absorveu cerca de 1,3 milhão de t, quase 13% a mais do que em 1984, equivalendo ao consumo **per capita** aproximado de 10 kg/ano (ver Quadro 01).

Sazonalmente elevados no fim do ano, os preços reais do frango vivo, em dezembro, superaram em 48% os de janeiro daquele ano, enquanto o preço relativo frango/ração manteve-se em 3,8, nível francamente favorável ao criador, considerando-se que esta relação, no período mais propício à atividade, entre 1975 e 1979, foi de 3,6.

A perspectiva de continuidade do crescimento econômico e da recuperação do mercado interno, registrados no ano passado, deixava entrever bons resultados em 1986. O fraco desempenho esperado para a safra de milho 1985/86, devido à estiagem que atingiu o Centro-Sul, foi o único acontecimento a turvar o quadro favorável. A decisão governamental de efetuar elevadas importações, porém, desanuviou os temores dos granjeiros.

Neste contexto, a produção de pintos de corte, no primeiro bimestre deste ano, aumentou 5%, alcançando 194 milhões de cabeças, presumindo uma oferta de carne de frangos de 513 mil t, no período de janeiro a abril.

Os preços pagos aos criadores caíram em janeiro e fevereiro, em conseqüência da tradicional retração dos consumidores após as festas de fim-de-ano. A cotação da ave viva no estado de São Paulo depreciou-se em ambos os meses, de forma mais intensa em fevereiro, quando foi 15% inferior ao pico registrado em



dezembro do ano passado. A ração para ave de corte, por seu turno, valorizou-se em 13%, em fevereiro (também em relação a dezembro), pressionada pelos aumentos dos preços da soja e do milho, seus principais componentes (ver Gráfico 01). Como agravante, nesse período, a atividade avícola se caracterizava por altos níveis de produção (resíduo do

QUADRO 01 – BRASIL – CARNE DE AVES – PRODUÇÃO, EXPORTAÇÃO (QUANTIDADE, VALOR E PREÇO MÉDIO) DISPONIBILIDADE INTERNA E CONSUMO PER CAPITA – 1980 A 1985

ANO	PRODUÇÃO[1] (t)	EXPORTAÇÃO			DISPONIBILIDADE INTERNA (t)	CONSUMO PER CAPITA (kg/ano)
		Quantidade (t)	Valor (US$ 1.000)	Preço Médio (US$/FOB)		
1980	1.306.000	168.713	206.690	1.225	1.137.287	9,6
1981	1.490.000	293.933	354.291	1.205	1.196.067	9,8
1982	1.604.000	301.793	285.475	946	1.302.207	10,4
1983	1.584.000	289.301	242.212	837	1.294.699	10,0
1984	1.443.000	287.494	268.976	936	1.155.506	8,8
1985	1.577.000	273.010	238.570	874	1.303.990	9,7

FONTE – Apinco, Abef, IBGE.
[1] Estimativa, a partir da produção de carne de frangos.

alojamento maior no fim de 1985) e o mercado mostrava-se pouco receptivo à carne de frangos, em virtude da queda das cotações do boi gordo desde dezembro, que se refletiram nos preços da carne bovina no varejo.

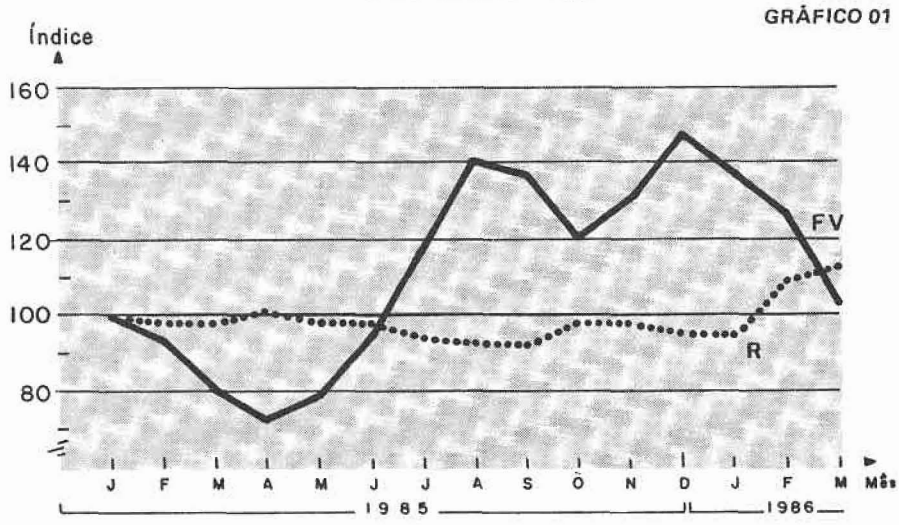
Mesmo assim, a situação configurava-se melhor do que em igual período do ano anterior. Segundo a **Associação Paulista de Avicultura – APA**, a relação entre o custo médio de produção do frango vivo e seu preço de venda, no bimestre, foi de 1,13, enquanto que, em igual período de 1985, alcançou 1,26 (ver Gráfico 02).

No início de março, tabelou-se o preço da carne avícola no varejo, ficando fixado, em São Paulo, em Cz$ 13,80/kg para o produto congelado e em Cz$ 15,30/kg para o frango fresco. Os criadores, inicialmente, reagiram à medida, com o argumento de que desestimulava a atividade, por várias razões. A primeira dizia respeito ao fato de o tabelamento do preço da ave viva não ter tomado como referência o preço praticado no dia 26/02, mas, sim, a média dos preços de compra dos supermercados nos seis meses imediatamente anteriores. A segunda referia-se a que os preços dos insumos necessários à produção foram congelados no nível vigente em 27/02. Assim, argumentaram os avicultores que, em razão da discrepância dos preços, mesmo congelados, das matérias-primas de diferentes fabricantes, é-lhes muito difícil controlar seus custos de produção. Por último, a pressão, que estaria havendo, por parte do comércio varejista mais oligopolizado, sobre os criadores. Como a maior parte das vendas varejistas de carne avícola é feita tradicionalmente através de supermercados, os proprietários das grandes redes estariam pressionando os abatedouros para que diminuíssem o preço da ave, de forma a manter inalterada a margem de lucro de antes da reforma econômica.

Os produtores esperam que as soluções propostas para essas distor-

SÃO PAULO – ÍNDICES DOS PREÇOS RECEBIDOS[1] PELO FRANGO VIVO (FV) E PREÇOS PAGOS PELA RAÇÃO PARA AVE DE CORTE (R) – JANEIRO DE 1985 A MARÇO DE 1986
(JANEIRO DE 1985 = 100)

GRÁFICO 01

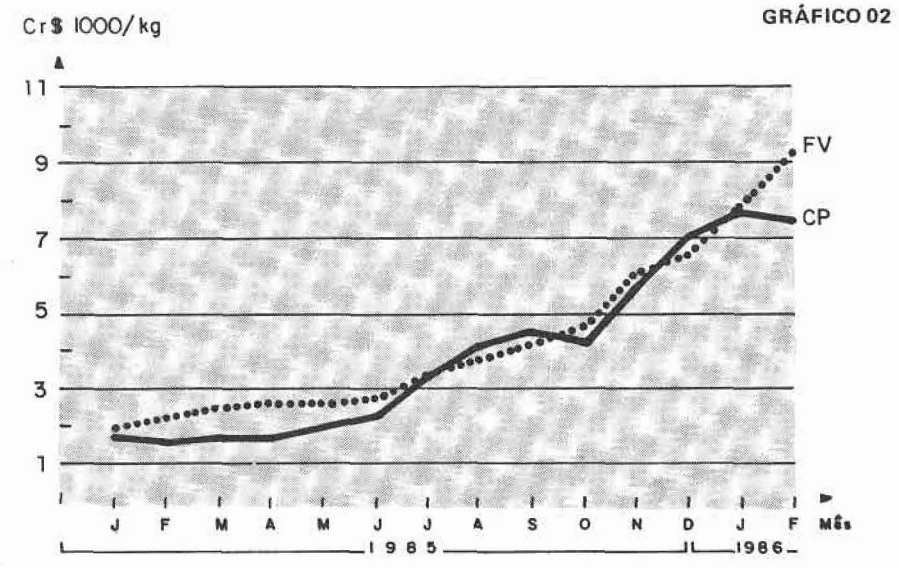


FONTE – IEA/SP

[1] Corrigido pelo IGP-DI, para fevereiro de 1986.

SÃO PAULO – PREÇOS MÉDIOS MENSAIS RECEBIDOS PELO FRANGO VIVO (FV) E CUSTO DE PRODUÇÃO DO FRANGO VIVO (CP) – JANEIRO DE 1985 A JANEIRO DE 1986 – Cr$ 1.000/kg.

GRÁFICO 02



FONTE – APA

ções sejam postas em prática, à medida em que forem sendo sanadas imperfeições no **Plano de Estabilização.**

Visando a desafogar os custos, os criadores paulistas, responsáveis por mais de 20% da oferta brasileira de pintos de corte, vêm pleiteando a prorrogação da isenção de **ICM** do milho destinado à alimentação animal, prevista para ser suspensa em 30/06/86. Reivindicam, também, a extinção da alíquota deste imposto (7,14%) incidente sobre o frango abatido, considerada muito elevada, mormente no momento atual, de estabilização da economia.

A propósito, deve ser destacado que a **Associação Paulista de Avicultura** recentemente firmou convênio com a **Ceagesp,** com o objetivo de estabelecer quotas de distribuição de milho para os criadores de aves, de modo a lhes facilitar o suprimento e evitar a excessiva intermediação.

O impacto das medidas econômicas do **Plano** levou os criadores a aumentarem a capacidade ociosa das granjas produtoras de pintos de corte em março, muito embora a oferta naquele mês tenha sido superior à de fevereiro. Para os próximos meses, no entanto, é provável que se retomem os níveis normais de produção.

A colheita do milho está em fase final, confirmando-se os indícios de que as perdas originadas pela estiagem são menos graves do que se pensava inicialmente. Os preços deste insumo estarão controlados, dentro do **Plano de Estabilização Econômica,** e o governo federal vem acelerando as importações, buscando tranqüilizar os criadores que dependem desse grão. Além do mais, embora os salários estejam congelados, o consumo de alimentos se vem expandindo, devido à euforia ocasionada pela reforma e pela maior liquidez na economia, já se tendo divulgado que a ingestão de carne bovina experimentou avanço de 20% nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e São Paulo, entre março e abril.

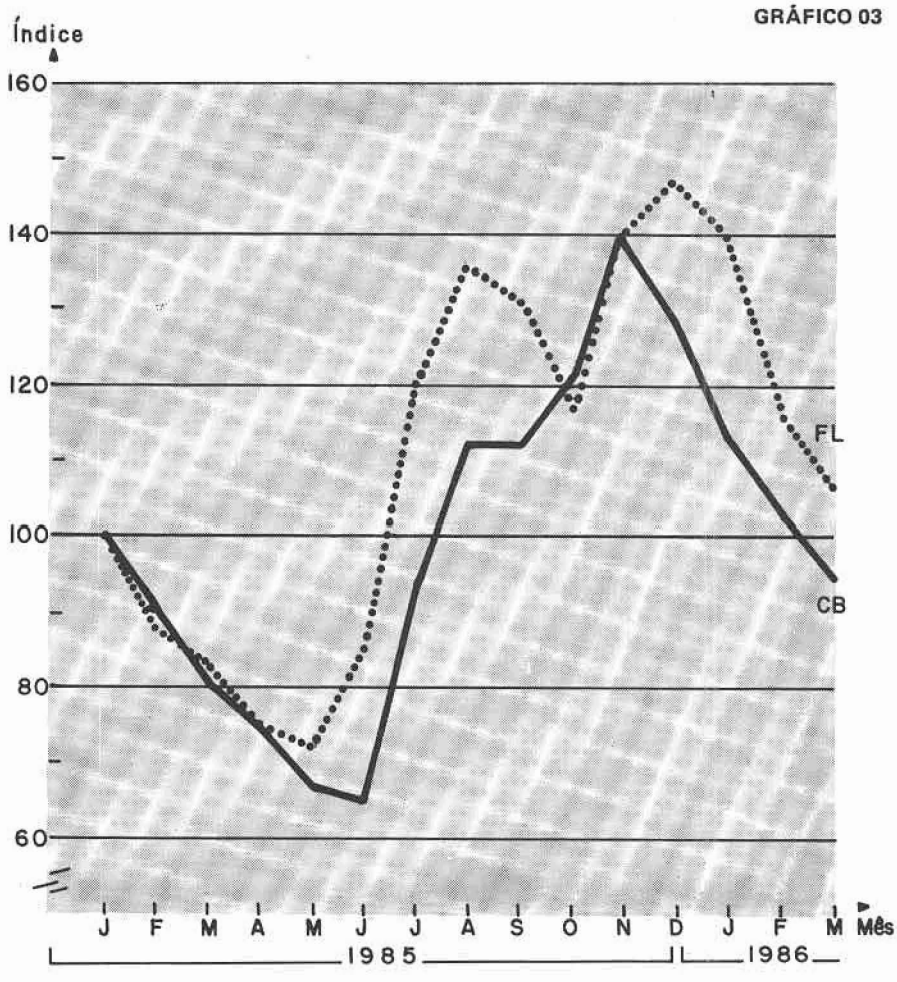
Neste contexto, é importante observar que o congelamento dos preços da carne bovina no varejo foi feito em patamar mais baixo do que o da carne de aves (ver Gráfico 03). Assim, como se não bastasse a preferência dos consumidores pela carne bovina, o preço relativo no varejo carne bovina/frango limpo foi de 1,74 em março, evidenciando considerável vantagem comparativa para a carne bovina, pois o consumidor leva em conta o seu aproveitamento integral, enquanto que, no caso da carne de aves, estima-se que a perda com pele e ossos se aproxime de 30%.

Em outras palavras, a avicultura brasileira precisa estar atenta para o fato de que o trunfo tradicional de que dispõe é o preço, e que, se este não for suficientemente inferior ao da carne bovina, sua parcela do mercado estará ameaçada.

Tomando-se por base a oferta efetiva de pintos, a estimativa é de que, nos primeiros cinco meses do ano, haverá aumento de 5% na produção

SÃO PAULO – ÍNDICES DOS PREÇOS MENSAIS REAIS[2] NO VAREJO DA CARNE BOVINA (CB) E DO FRANGO LIMPO (FL) – JANEIRO DE 1985 A MARÇO DE 1986. (JANEIRO DE 1985 = 100)

GRÁFICO 03



FONTE – IEA/SP.

[1] Corrigidos pelo IGP-DI, para janeiro de 1985.

de carne de frango, que alcançará 639 mil t. Esta quantidade significará um aumento na disponibilidade **per capita** interna, já que as exportações dificilmente terão registrado expansão no período. Adicionalmente, como não haverá o tradicional estímulo à alta de preços do frango, derivada da majoração da carne bovina durante o inverno, urge que os criadores fiquem atentos às tendências dos consumidores, detectando rapidamente qualquer movimento contracionista da demanda.

No mercado internacional, as vendas enfrentam os mesmo obstáculos dos últimos anos, a saber: a forte concorrência da **França**, as barreiras alfandegárias dos países compradores tradicionais, além da extinção do **crédito prêmio à exportação** aos produtores de aves destinadas ao mercado externo.

O produto brasileiro não conta com subsídios, ao contrário do francês, e seu custo de frete é bastante superior ao do concorrente.

Conseqüentemente, as vendas externas de carnes de aves, em 1985, da ordem de 273 mil t, atingiram seu mais baixo nível desde 1981, tendo o preço médio caído 7%, comparativamente ao ano anterior (ver Quadro 01). Nem mesmo a exportação de partes de frangos, cuja expansão havia contribuído para evitar uma queda mais abrupta em anos recentes, conseguiu sustentar os preços registrados em 1984. Acusou decréscimo de 7% no preço médio, que foi de US$ 1.270/t **FOB**.

A conclusão a que se chega é que a saturação alcançou também o filão mais rentável do mercado,

QUADRO 02 – FRANÇA – EXPORTAÇÕES DE CARNE DE AVES – 1982 A 1985
(1.000 t)

ESPECIFICAÇÃO	1982	1983	1984	1985
Exportações Totais	345,0	387,7	326,4	307,2
Exportações de frangos e galinhas	305,8	344,3	279,5	253,4
– para a CEE	12,7	13,5	22,3	33,6
– para outros países, sendo:	293,1	330,8	257,2	219,8
Arábia Saudita	112,8	127,4	118,9	97,8
Emirados Árabes Unidos	18,7	26,6	21,0	16,6
Iêmen do Norte	43,5	32,5	23,5	12,6
URSS	27,3	40,8	–	2,6

FONTE – Agra-Europe.

representado, até então, pelos frangos em pedaços. Isto se deveu, basicamente, aos esforços da **França**, no sentido de incrementar as vendas de carne avícola para os países vizinhos da **CEE** (ver Cuadro 02) pois cerca de 40% das partes de frangos exportadas pelo Brasil dirigiam-se a alguns países da Europa Ocidental. Esse foi o arremate no quadro de dificuldades do mercado europeu, uma vez que o produto brasileiro, ao contrário do francês, não conta com subsídios e seu custo de frete é bastante superior ao do concorrente.

Por outro lado, os investimentos na busca de auto-suficiência em carne de frango, por parte dos países do Oriente Médio, já vêm dando frutos. Este fato, aliado ao arrefecimento da escalada do consumo **per capita** de carne avícola, naqueles países, também tem contribuído para dificultar as vendas brasileiras (ver Quadro 03). No primeiro bimestre de 1986, estas vendas foram de 35 mil t, representando menos 21% do que em igual período de 1985, enquanto que o valor arrecadado foi de US$ 33 milhões **FOB** (15% menor). Tal resultado só não foi pior porque as vendas de partes, surpreendentemente, aumentaram 70% no período, tendo sido exportadas quase 7 mil t a mais de frangos em pedaços do que no mesmo bimestre de 1985. Note-se, porém, que o preço médio conseguido, de US$ 1.440/t **FOB**, foi somente 4% maior.

QUADRO 03 – ORIENTE MÉDIO – CARNE DE AVES – CONSUMO ANUAL (1977, 1970 e 1983) E OFERTA TOTAL (1983)
(kg/hab e mil t)

ESPECIFICAÇÃO	CONSUMO ANUAL (kg/hab) 1977	1980	1983	OFERTA TOTAL (mil t) 1983
Arábia Saudita	15,7	25,9	28,1	300
Egito	3,2	4,3	5,1	200
Emirados Árabes Unidos	16,2	12,2	6,6	42
Iêmen do Norte	1,8	9,0	9,1	60
Irã	5,5	5,7	6,3	260
Iraque	4,5	10,5	11,4	220
Israel	40,1	36,1	41,4	170
Kuwait	33,3	32,1	26,0	52
Síria	3,9	5,5	8,5	54

FONTE – Agra-Europe.